



O remo em Campinas: Clube Campineiro de Regatas e Natação e as novas relações com a natureza (1918-1935)

Palavras-chave: Remo; Clube Campineiro de Regatas e Natação; História do Esporte

Autora:

Catharina Ulian Musa (Unicamp)

Orientadora:

Carmen Lúcia Soares (Unicamp-FEF; CNPq-CA-ED)

INTRODUÇÃO

O remo foi difundido no Brasil desde o fim do século XIX e início do século XX. Praticado em praias brasileiras, bem como em rios que banham o país, o remo pertenceu a uma categoria de prática múltipla, seja como divertimento, competição, meio de transporte ou, ainda, trabalho. Esta pesquisa analisou a prática do remo e as competições de regatas em Campinas, cidade que se desenvolveu economicamente pela cultura do café e que demonstrou signos de modernidade. Entre estes, podemos destacar a valorização da natureza e de seus elementos, incorporando ideias e ideais que consolidaram práticas realizadas ao ar livre como era o caso do remo. Essa nova relação do ser humano com a natureza emergiu no Brasil no final do século XVIII, e, sobretudo, ao longo do século XIX e começo do século XX, em que se consolidaram e ampliaram-se ideais de valorização dos elementos naturais “como lugares de cura, de divertimento, de educação e, para além dos muros escolares, [produziram] efeitos sobre os indivíduos e a sociedade” (SOARES, p. 18, 2016).

Na cidade de Campinas, em consonância com este ideário, teve início a construção do *Clube Campineiro de Regatas e Natação*, às margens do Rio Atibaia. Em relação a essa prática que deu nome ao clube e que se constitui em nosso tema de pesquisa, o remo consiste em uma prática referente ao ser humano que conduz o barco, dando destaque para seu vigor e sua forma física. Além disso, é importante destacar que as práticas aquáticas eram discernidas como símbolo da modernidade na cidade, uma vez que faziam parte de novas representações e relações com a natureza e seus elementos como marcas de progresso da vida urbana em desenvolvimento. O Rio Atibaia tornou-se, assim, um lugar que ampliava

as práticas de divertimento já existentes, além daquelas que compunham o mundo do trabalho, assinalando traços de uma *cultura física*¹ na cidade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, de cunho bibliográfico e documental, tomou como fontes a imprensa local (revistas e jornais), fotografias, livros de memorialistas, atas e documentos oficiais do clube. Nossas fontes necessitam ser entendidas não apenas como uma singularidade do que se lê ou vê, mas sim como uma complexidade de intermediários que as precedem:

É certamente impossível estudar o passado sem a assistência de toda uma cadeia de intermediários, incluindo não apenas os primeiros historiadores, mas também os arquivistas que organizaram os documentos, os escribas que os escreveram e as testemunhas cujas palavras foram registradas. (BURKE, p. 23 e 24, 2004)

Dentre a fundamentação teórica e metodológica, o trabalho apoiou-se em Bloch (2001) e Le Goff (2003), sobre os entendimentos acerca da história e do historiador; Chartier (1991), para entender o conceito de prática e representação; Bourdieu (1983; 2007), autor fundamental para entendermos as relações do ser humano com as práticas esportivas em ascensão na época; Lapa (1996), para os estudos sobre a cidade de Campinas; Kirk (1999), para o entendimento e debate sobre a *cultura física*; Soares (2016), para a discussão acerca das práticas corporais em meio à natureza; Thomas (1989) e Williams (2011), autores centrais para a compreensão das transformações da sensibilidade dos seres humano em relação à natureza e, por fim, Siqueira (2009), que toma o *Clube Campineiro de Regatas e Natação*, as relações com o ambiente aquático e novas práticas corporais como objeto de seu estudo de Mestrado.

DISCUSSÃO

Com relação aos resultados, primeiramente temos uma análise de como o clube à beira rio, naquele contexto e período, se tornou o cenário ideal para novas e inéditas aproximações do ser humano com a natureza em Campinas, tendo a água como seu elemento principal. O Rio Atibaia era palco de

¹ Conforme os estudos de Kirk (1999), trata-se de um conjunto de amplo espectro de discursos acerca do corpo e de práticas que se realizam pela expressão física. Sobre o uso desse conceito no Brasil ver, entre outros, Moraes e Silva; Soares e Quitau (2018a) e Moraes e Silva e Quitau (2018b).

inúmeras e diversificadas práticas como banhos, regatas, nado e também passeios e piqueniques em suas margens. Além disso e antes mesmo de todas essas novas práticas se estabelecerem, o rio já era utilizado para outros fins, dentre eles a pesca, indispensável para o sustento da vida dos habitantes de seu entorno.

O conjunto de práticas aqui citadas, assim como outras em que a presença de um clube à beira rio possibilitou, se inserem no âmbito de uma *cultura física* presente naquele contexto. O cotidiano clubista era repleto de uma gama de práticas que traziam alegria e divertimento a quem esteve ali presente. No que tange às competições do *Clube Campineiro de Regatas e Natação*, podemos identificar a *cultura física* no extrato que segue publicado na revista “A Onda”:

Após as provas de atletismo, a que se concorreram diversos atletas d’aquela florescente associação, e que constituíram em saltos á vara, comprimento e altura, dardo e disco, e corridas razas, realizou-se o curso náutico, tomando n’elle parte diversos barcos artisticamente ornamentados. Á tarde houve um animado baile campestre, que, dentro de grande animação, prolongou-se até ás 23 horas.” (REVISTA A ONDA, nº 20, n.p., 1922)

E quem remava nos primórdios do clube? Essa foi outra questão que analisamos neste trabalho e que levou a diversos debates fundamentais para a história regional do esporte em Campinas. O remo era uma prática que dava destaque ao músculo e à forma física, traduzindo “o tipo de corpo e o caráter desejado para alcançar estes novos ideais (*de modernidade*)” (SIQUEIRA, p. 21, 2009). Podemos observar na Figura 1 o tipo de vestimenta usada no remo, a regata e a bermuda, que dava aos seus praticantes, a mobilidade necessária para oscilar o remo, além de evidenciar seus corpos musculosos, desenvolvidos nas movimentações da prática.

Figura 1 – Barco a remo e remadores



Fonte: Coleção GSJ – Centro de Memória da Unicamp. Campinas, SP, [1923].

Por fim, seguindo na linha da discussão sobre os praticantes de remo, analisamos a presença, ou, mais propriamente a ausência das mulheres no contexto do clube naquele período. Conforme analisou Goellner, 2005, o acentuado conservadorismo era característica marcante da sociedade brasileira e, dessa forma, se verificava a quase total proibição de participação feminina em atividades públicas, dentre elas as esportivas (GOELLNER, 2005). Se a partir do século XX a presença das mulheres nas práticas corporais ganha mais visibilidade, as dificuldades encontradas por elas para se afirmarem em espaços públicos e no mundo esportivo ainda permanecia. Em nossas fontes, mesmo que em rara recorrência, constatamos que no *Clube Campineiro de Regatas e Natação*, em 1921, foram noticiadas provas de regatas com participação de mulheres remando:

Foram transferidas para o dia 21, as festas que o Clube Campineiro de Regatas e Natação devia ter realizado dia 7. Com isso nada se perderá, pois o espaço de tempo que medeia entre as duas datas, permitirá que as provas se tornem mais interessantes, dado o maior preparo dos respectivos concorrentes e das concorrentes, porque é preciso que se note que também haverá provas, nas quaes tomarão parte distintas senhoritas da nossa melhor sociedade. (Revista “A Onda”, nº 7, n.p., 14 de agosto de 1921)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresentou breve análise do que foram essas mudanças ocorridas no final do século XIX e início do século XX com relação ao ser humano e a natureza, e como elas refletiram na construção de um clube às margens do Rio Atibaia. O clube, dessa forma, trouxe a tranquilidade e o ar puro que começava a diminuir na cidade, além da diversão traduzida em festas náuticas, bailes, passeios, piqueniques, remo, natação, atletismo, jogos ao ar livre e outros momentos que levavam o contentamento aos seus habitantes e a valorização de uma vida ao ar livre.

REFERÊNCIAS

- BARGAS, Carlos Alberto. **Regatas 100 anos**. Campinas, SP. D7 Editora, 2019.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOURDIEU, Pierre. "Como é possível ser esportivo?" In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia** (pp. 136 – 163). Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre-RS: Zouk, 2007.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Edusc, 2004.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.
- FURTADO, Heitor Luiz; QUITZAU, Evelise Amgarten; SILVA, Marcelo Moraes e Silva. Blumenau e seus imigrantes: apontamentos acerca da emergência de uma cultura física (1850-1899). **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, 2018, p. 665-676.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**. Goiânia. Vol. 8, n. 1 (jan./jun. 2005), p. 85-100, 2005

KIRK, David. Physical culture, physical education and relational analysis. **Sport, education and society**, v. 4, n. 1, p. 63-73, 1999.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A Cidade: Os Cantos e os Antros**. Campinas 1860-1900. São Paulo: Edusp, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LUCENA, R. **O esporte na cidade: aspectos de um esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados/ CBCE, 2001.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do Esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

MORAES E SILVA, Marcelo; QUITZAU, Evelise Amgarten ; SOARES, Carmen Lúcia. Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). **Educação e Pesquisa** (USP. Impresso), v. 44, p. e178293, 2018a.

MORAES E SILVA, Marcelo; QUITZAU, Evelise Amgarten. A cultura física na cidade de Curitiba: a emergência de uma pedagogia corporal (1899-1909). **Revista de Ciências Sociais** (CHILE), v. 27, p. 275-302, 2018b.

NICOLINI, Henrique. **Tietê: o rio do esporte**. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

PALOMBO, Darci Maria Pascoal. **Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias**. [s.l.] Bandeirantes Indústria Gráfica, 2000.

SIQUEIRA, Sandra Aparecida de. Campinas: seus corpos, suas águas (práticas corporais aquáticas no início do século XX). **Dissertação (Mestrado)** - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. 1ª. Ed. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOARES, Carmen Lúcia. Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). IN: SOARES, Carmen Lucia. **Uma educação pela natureza**. (p. 9-45). Campinas: Autores Associados, 2016.

THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). **São Paulo: Companhia das Letras**, v. 544, 1989.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.